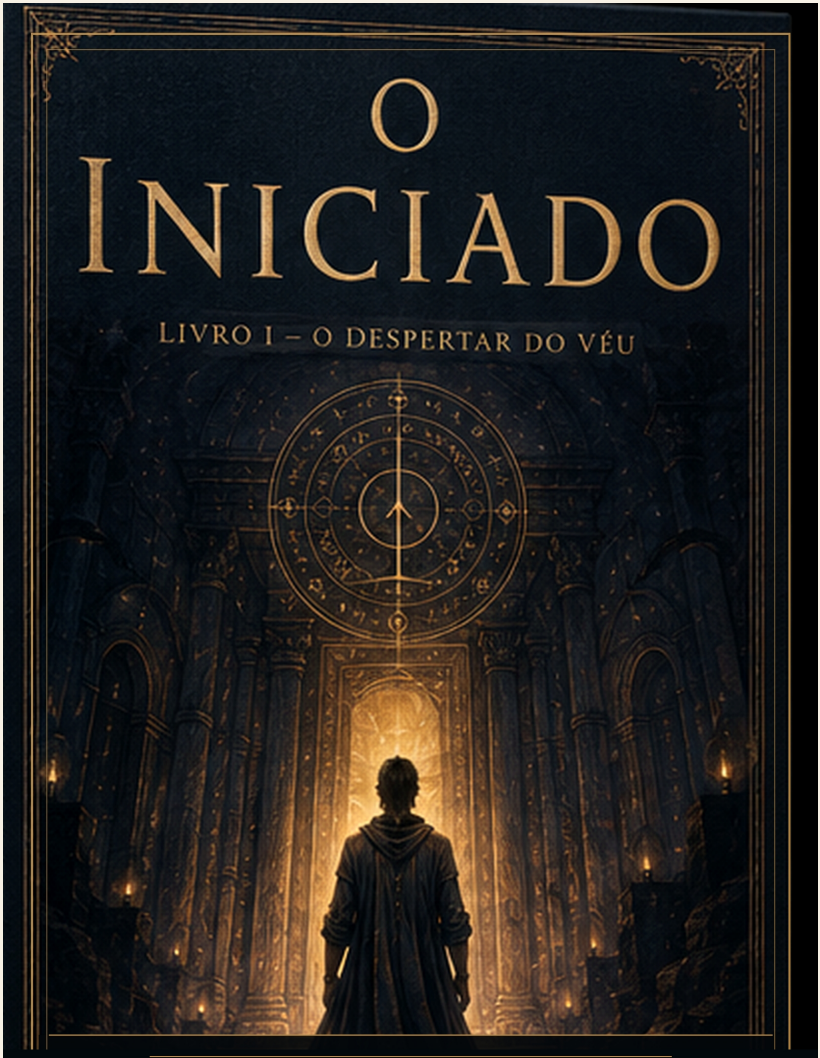


RAFAEL PEDROZA
CORTES MARQUES

ROMANCE ILUSTRADO

AMOSTRA GRATUITA

O INICIADO

Livro I - O Despertar do Véu

Rafael Pedroza Cortes Marques

“A porta se abre para quem ainda aceita voltar humano.”

A OITAVA PORTA

◇

Antes de os homens aprenderem a contar os anos, existia uma cidade no ponto exato em que o mundo visível tocava aquilo que permanece oculto.

Seu nome foi apagado.

Não destruído, pois há coisas que nem mesmo o tempo consegue destruir. O nome fora retirado das canções, raspado das colunas, dissolvido nos sonhos e proibido até mesmo entre os mortos. Ainda assim, em certas noites sem lua, viajantes perdidos afirmavam ter visto suas torres erguerem-se além das montanhas, onde nenhuma cidade deveria existir.

Sete muralhas a cercavam.

A primeira fora construída com pedra negra, extraída de uma montanha que jamais recebera a luz do sol. A segunda era de bronze, coberta por inscrições que se moviam quando ninguém as observava. A terceira não possuía matéria: era feita da lembrança daqueles que haviam tentado atravessá-la e fracassado.

As quatro restantes não podiam ser vistas.

No centro da cidade erguia-se a Casa do Primeiro Véu, um edifício tão antigo que seus alicerces pareciam

penetrar a própria memória da terra. Não havia janelas em suas paredes inferiores. A luz entrava por fendas abertas no teto, seguindo trajetórias que não correspondiam ao movimento do sol.

Ali eram conduzidos os poucos que ouviam o chamado.

Não havia mensageiros, convites ou mapas. O chamado surgia de forma diferente para cada pessoa. Alguns o escutavam no murmúrio de uma fonte. Outros, na voz de um morto. Houve quem encontrasse as instruções gravadas no interior de uma fruta ou escritas, pela própria sombra, sobre uma parede iluminada.

Entretanto, todos recebiam a mesma advertência:

Aquele que entra não retorna sendo o mesmo.

Na noite em que a cidade começou a morrer, um jovem permanecia ajoelhado diante de sete portas.

Tinha dezessete anos e não conhecia o nome de seus pais.

Fora encontrado ainda criança junto às ruínas de um templo abandonado, envolto em tecido branco e cercado por um círculo de cinzas que a chuva não conseguira apagar. Sobre o peito, trazia uma marca: um círculo incompleto atravessado por uma linha vertical.

Os sacerdotes que o encontraram chamaram-no de Cael.

Não porque esse fosse seu verdadeiro nome, mas porque, na antiga língua, a palavra significava aquele que está entre.

Cael crescera dentro dos limites da cidade sem jamais pertencer inteiramente a ela. Os outros aprendizes vinham de famílias que serviam à Casa havia gerações; possuíam brasões, protetores e histórias repetidas à mesa. Ele não tinha linhagem conhecida, herança ou retrato de ancestrais. Seus primeiros anos haviam sido registrados numa folha quase vazia.

Também não apresentava dons.

Enquanto os demais faziam a chama das lamparinas inclinar-se, ouviam vibrações ocultas nos metais ou reconheciam, pelo cheiro, quando uma pessoa mentia, Cael não realizava sequer os exercícios mais simples. Não movia uma pedra. Não aquecia a água. Não escutava as vozes que, segundo os mestres, atravessavam o espaço entre os pensamentos.

Por essa razão, durante muitos anos acreditaram que a marca em seu peito fosse apenas uma cicatriz.

Naquela noite, porém, as sete portas haviam se aberto para ele.

Todas ao mesmo tempo.

Nenhum iniciado, nos quatro mil anos registrados pela Casa, testemunhara algo semelhante. O Salão das Passagens estava repleto, embora ninguém tivesse sido convidado. Mestres, escribas, guardiões e aprendizes comprimiam-se atrás da linha de prata traçada no piso. Alguns olhavam para Cael com reverência; outros, com a expressão cautelosa de quem observa um animal desconhecido acordando dentro de uma jaula.

Diante dele estava o Mestre Aramon, guardião da Casa e último herdeiro da Ordem do Sol Velado.

Os cabelos de Aramon eram tão brancos quanto a neve das montanhas, mas o rosto conservava uma força severa, quase mineral. Vestia uma túnica cinzenta sem adornos e trazia preso à cintura um pequeno sino de prata. Em quarenta anos, Cael nunca o ouvira tocar.

Atrás do mestre, formando um semicírculo, estavam os sete Regentes.

Malach, senhor da matéria, mantinha uma das mãos sobre o cabo do martelo preso às costas. Seris, guardiã dos sonhos, parecia acompanhar uma conversa que ocorria em outro lugar. O rosto de Ilyon estava oculto por um véu dourado. Os demais permaneciam imóveis, cada qual diante da porta correspondente ao seu domínio.

Aramon aproximou-se.

— Escolha.

A voz não foi alta. Mesmo assim, atravessou o salão como se houvesse sido pronunciada dentro da cabeça de cada pessoa presente.

Cael observou as portas.

A primeira era vermelha e pulsava como um coração. Atrás dela se escondia o domínio da matéria: o peso das pedras, a corrente dos rios, a lenta respiração das montanhas.

A segunda era azul e parecia mais profunda que o céu. Conduzia ao domínio da mente, onde pensamentos adquiriam forma e lembranças podiam ser tocadas.

A terceira, feita de madeira branca, guardava o conhecimento dos ritmos: nascimento e morte, ascensão e queda, vigília e sono.

A quarta mudava de cor conforme os olhos de quem a contemplava. Representava os opostos e a unidade secreta entre eles.

A quinta era dividida em ouro e ferro. Além dela encontrava-se a ciência das causas, das consequências e dos fios invisíveis que ligavam cada escolha ao seu resultado.

A sexta era coberta por figuras masculinas e femininas entrelaçadas, guardando o mistério da criação, da separação e do desejo.

A sétima era um espelho.

Ninguém atravessava a sétima sem contemplar aquilo que mais desejava esconder de si mesmo.

— Disseram-me que a porta escolhe o iniciado — disse Cael.

— Em circunstâncias comuns.

— E estas não são circunstâncias comuns?

Os olhos de Aramon se estreitaram.

— As sete responderam à sua presença. Isso não deveria ser possível.

— Talvez estejam enganados a meu respeito.

Malach soltou uma respiração impaciente.

— Portas não se enganam. Homens se enganam.

Cael voltou a atenção para Aramon.

— O que acontece quando eu escolher?

— Você atravessará. Seu aprendizado verdadeiro começará. Depois de sete anos, poderá apresentar-se diante do Véu e receber um novo nome.

— E se eu não escolher?

— Será retirado da Casa antes do nascer do sol. Sua memória será fechada e você jamais encontrará esta cidade novamente.

Cael olhou para o chão de mármore. Sob seus joelhos havia um desenho formado por sete círculos concêntricos. Linhas prateadas ligavam cada círculo ao seguinte, compondo um labirinto sem entrada aparente.

Durante toda a vida aguardara aquele momento. Imaginara glória, temor ou alívio. Agora que ele chegara, sentia apenas desconfiança.

A cidade ensinava que toda manifestação nascia de uma mente; que o que estava acima correspondia ao que estava abaixo; que nada permanecia imóvel; que os extremos se tocavam; que a existência avançava em marés; que toda causa gerava efeitos; e que toda criação exigia o encontro de forças distintas.

Sete leis. Sete regentes. Sete portas.

A perfeição daquele número sempre parecera uma resposta.

Naquela noite, pela primeira vez, Cael percebeu que também poderia ser uma prisão.

— Há algo além das sete portas? — perguntou.

O silêncio que se seguiu não foi o silêncio da espera. Foi o silêncio daquilo que não deveria ter sido dito.

Um dos Regentes moveu-se discretamente. Outro baixou os olhos. Malach apertou o cabo do martelo.

Aramon permaneceu imóvel.

— Por que pergunta?

Cael apontou para o chão.

— O símbolo possui oito caminhos.

Os Regentes olharam para o desenho.

— Existem sete círculos — disse Malach.

— Existem sete círculos visíveis.

Cael estendeu a mão e tocou o centro do labirinto.

A pedra estava fria.

Por um instante, nada aconteceu. O salão inteiro pareceu prender a respiração. Então, sob seus dedos, uma linha negra surgiu no mármore.

Ela avançou lentamente, como tinta derramada por uma mão invisível. Atravessou o primeiro círculo, depois o segundo, seguindo por baixo das linhas de prata sem tocá-las. Quando alcançou o sétimo, não parou. Prosseguiu para fora do desenho e subiu pela parede entre a porta vermelha e a porta-espelho.

O chão estremeceu.

O sino preso à cintura de Aramon tocou sozinho.

Uma única vez.

Os Regentes recuaram.

O som era pequeno, mas carregava uma vibração antiga, como se algo adormecido sob a cidade houvesse reconhecido o chamado. As tochas diminuíram. Nas galerias superiores, pássaros de pedra abriram os olhos.

No centro da parede apareceu uma rachadura.

Não se abriu de imediato. Primeiro, a pedra escureceu. Depois, símbolos desconhecidos emergiram em sua superfície. Não pertenciam a qualquer alfabeto preservado nos arquivos da Casa. Ainda assim, Cael compreendeu seu significado.

Não com a mente.

Com o sangue.

Aquilo que está acima também dorme abaixo.

A rachadura cresceu até formar o contorno de uma oitava porta.

Diferentemente das outras, ela não possuía dobradiças, maçaneta ou fechadura. Era apenas uma ausência vertical: um trecho do mundo no qual a luz não conseguia permanecer.

Malach ergueu o martelo.

— Afaste-se dela.

Cael não se moveu.

Do outro lado, alguma coisa respirava.

Não era uma criatura. Não exatamente. A respiração vinha de muito longe e, ao mesmo tempo, parecia ocorrer dentro de seu peito. A cada inspiração, as tochas do salão se apagavam um pouco. A cada expiração, as sombras alongavam-se em direção ao centro.

— Cael — disse Aramon. — Venha até mim.

Pela primeira vez, o jovem ouviu medo na voz do mestre.

Isso o assustou mais do que a escuridão.

— O que existe ali?

— Algo que foi fechado antes da fundação da Casa.

— Por quem?

Aramon não respondeu.

A superfície do espelho — a sétima porta — ondulou. O reflexo de Cael permaneceu ajoelhado, mas todos os demais reflexos se viraram para a Oitava Porta.

Seris levou a mão à boca.

— Ele está sonhando acordado — murmurou.

— Quem? — perguntou Cael.

A Regente dos Sonhos ergueu os olhos para ele. Havia lágrimas em seu rosto.

— A cidade.

Nesse instante, o primeiro alarme soou.

Não veio das torres externas, mas das profundezas. Um toque grave atravessou as pedras e fez o pó cair do teto.

Depois veio um segundo, mais próximo. No terceiro, alguma coisa chocou-se contra a muralha invisível que protegia a Casa.

Os aprendizes começaram a gritar.

Aramon abriu os braços e uma cúpula de luz branca ergueu-se ao redor do centro do salão.

— Fechem as passagens! — ordenou. — Nenhum iniciado deve sair!

Malach encarou-o.

— Nenhum inimigo atravessou as sete muralhas.

— Então ele já estava dentro.

As portas estremeceram.

A vermelha verteu uma gota escura, semelhante a sangue. A azul mostrou, por um instante, milhares de rostos submersos. Da porta de madeira veio o som de folhas secas pisadas por alguém que se aproximava. O espelho escureceu por completo.

Somente a Oitava Porta permaneceu imóvel.

Um grupo de guardiões entrou pelas arcadas laterais. Usavam máscaras de prata e carregavam lanças cuja ponta era feita de cristal fumegante. O capitão ajoelhou-se diante de Aramon.

— Mestre, a muralha da lembrança caiu.

Ninguém respondeu de imediato.

A terceira muralha não podia ser derrubada com força. Para atravessá-la, seria necessário apagar ou corromper a

memória de todos aqueles que haviam fracassado diante dela durante séculos.

— Quantos entraram? — perguntou Aramon.

— Não sabemos. Os vigias não conseguem lembrar o que viram.

O mestre fechou os olhos.

— Levem os aprendizes às criptas solares. Malach, sele a matéria. Seris, acorde os adormecidos. Ilyon, encontre a causa antes que ela encontre o efeito.

Os Regentes se dispersaram.

Cael tentou levantar-se, mas a linha negra desenhada no chão envolveu seu pulso como uma serpente de tinta. Não havia peso ou calor, apenas uma certeza íntima de pertencimento.

Aramon viu.

Por um instante, o medo desapareceu de seu rosto e deu lugar a algo pior: reconhecimento.

— Você sabia — disse Cael.

— Eu suspeitava.

— Desde quando?

— Desde a noite em que o encontramos.

A resposta golpeou Cael com mais força que qualquer revelação sobre a porta.

— Você estava lá?

Aramon inclinou a cabeça.

— Fui eu quem o retirou do círculo de cinzas.

O salão pareceu afastar-se. Durante anos, Cael imaginara o rosto do desconhecido que o salvara. Nunca pensara que estivesse diante dele todos os dias.

— Por que mentiu?

— Porque a verdade teria chamado aquilo que agora está chegando.

Um estrondo atravessou a Casa. As galerias superiores racharam e uma chuva de fragmentos caiu sobre a cúpula de luz. Do lado de fora, os sinos da cidade começaram a tocar, torre após torre, formando uma sequência que nenhum habitante vivo ouvira antes.

Sete notas ascendentes.

Uma oitava abaixo delas.

Aramon puxou Cael pelo braço e rompeu a linha negra. A dor foi imediata, como se uma raiz houvesse sido arrancada de dentro de seus ossos.

— Escute com atenção. Há coisas que não poderei lhe explicar novamente.

— Então explique agora.

— A Casa não foi criada para ensinar as sete caminhos. Foi criada para impedir que alguém encontrasse a lei anterior a elas.

Cael encarou a abertura escura.

— A oitava.

— Não lhe dê esse nome. Números também abrem caminhos.

Das arcadas laterais veio um ruído de metal arrastado. Os guardiões formaram uma linha, lanças apontadas para o corredor. O capitão ordenou que todos recuassem.

Uma figura surgiu na extremidade da passagem.

Parecia um homem alto, coberto por um manto encharcado. Caminhava devagar, deixando pegadas molhadas sobre o mármore. No entanto, não chovia havia três meses.

— Identifique-se! — gritou o capitão.

A figura parou.

Quando levantou a cabeça, Cael percebeu que não havia rosto sob o capuz. Havia apenas uma superfície lisa, marcada pelo mesmo círculo incompleto que ele trazia no peito.

Os guardiões atacaram.

As lanças atravessaram o manto como se ele estivesse vazio. A figura abriu os braços, e cada guardião viu alguma coisa diferente. Um caiu de joelhos, chamando pela mãe. Outro arrancou a própria máscara e começou a rir. O capitão permaneceu imóvel, mas envelheceu diante de todos, os cabelos embranquecendo em poucos segundos.

Aramon ergueu a mão.

— Não olhem para ele!

Tarde demais.

A criatura sem rosto apontou para Cael.

A marca no peito do jovem ardeu.

O tecido de sua túnica queimou sem produzir chama, revelando o círculo incompleto. A mesma linha surgiu no corpo da figura. As duas marcas pulsaram juntas.

Então Cael ouviu uma voz.

Não vinha do corredor. Não vinha da porta. Vinha de uma lembrança que não lhe pertencia.

Você demorou.

Ele levou as mãos à cabeça. Imagens atravessaram sua mente: uma escadaria descendo para um céu noturno; uma criança adormecida dentro de um círculo de fogo; Aramon mais jovem, coberto de sangue; sete pessoas diante de uma oitava sombra; e, abaixo de tudo, algo enorme virando-se durante o sono.

— Tire-o daqui! — ordenou Aramon.

Dois guardiões agarraram Cael. A figura sem rosto inclinou a cabeça, como se observasse uma experiência curiosa.

Você não pertence a eles.

— Cala a boca — murmurou Cael.

Os guardiões tentaram puxá-lo para trás, mas a Oitava Porta reagiu. Da escuridão surgiu um vento frio carregando o cheiro de terra molhada e estrelas queimadas. As sete portas bateram ao mesmo tempo. A cúpula de luz de Aramon se partiu.

A figura avançou.

Malach retornou ao salão envolto por placas de pedra que cresciam sobre seus braços. Desceu o martelo contra o chão. Uma muralha de rocha ergueu-se entre o invasor e Cael, dividindo o salão.

— Vá! — rugiu.

A pedra começou a apodrecer.

Seris apareceu no alto da escadaria, cercada por sete crianças adormecidas que flutuavam ao seu redor. Seus olhos estavam completamente negros.

— Ele não veio sozinho — disse. — Há alguém sonhando através de todos nós.

Aramon empalideceu.

— Quanto tempo?

— Desde antes de Cael nascer.

A voz sem rosto atravessou a muralha como água passando por uma rede.

Você sabe por que não possui dons?

Cael parou de resistir aos guardiões.

— Por quê?

Porque aquilo que chamam de dom é apenas uma porta aberta. E você foi feito para permanecer fechado.

A muralha de Malach desabou em pó.

A figura sem rosto estava mais próxima. Onde suas pegadas tocavam o chão, o mármore refletia um céu

desconhecido. Pequenas constelações brilhavam dentro das poças, formando desenhos que Cael reconhecia sem jamais tê-los estudado.

Aramon colocou-se entre os dois.

— Não escute. Ele não pode dizer a verdade inteira.

— Mas pode dizer a parte que você escondeu — respondeu Cael.

O mestre fechou a mão em torno do sino de prata.

— Eu escondi para mantê-lo vivo.

— Vivo para quê?

Um novo impacto sacudiu a Casa. Ao longe, uma torre desabou. Por uma abertura no teto, Cael viu o céu sobre a cidade: não estava negro, mas dividido em duas metades, uma coberta de estrelas e outra iluminada por um sol imóvel.

Os extremos haviam deixado de se alternar.

O ritmo fora quebrado.

A figura ergueu uma das mãos. A Oitava Porta abriu-se um pouco mais, revelando degraus que desciam para cima, em direção a uma escuridão repleta de pontos luminosos.

Venha e conheça seu primeiro nome.

Aramon estendeu a mão para Cael.

— Venha comigo e conhecerá a verdade quando puder sobreviver a ela.

Atrás do mestre, uma passagem estreita se abriu na parede, conduzindo às criptas solares. Do outro lado, aprendizes corriam sob a proteção dos guardiões. Entre eles, Cael reconheceu Lira, sua única amiga, olhando para trás enquanto era arrastada pela multidão. Ela gritou o nome dele, mas o som desapareceu sob os sinos.

À esquerda estava Aramon, o homem que o salvara e mentira durante toda a sua vida.

À frente estava a figura sem rosto, ligada à sua marca e às lembranças que lhe haviam sido roubadas.

Atrás dele estava a Oitava Porta, aberta para uma lei que a Casa fora construída para ocultar.

E, por toda a cidade, alguma coisa continuava acordando.

Cael compreendeu que sua primeira escolha não seria qual caminho estudar.

Seria decidir em quem permitiria que a verdade começasse.

A PORTA FOI ABERTA.

Mas a verdade de Cael está apenas começando.

Continue a jornada em O Iniciado.

COMPRAR O LIVRO COMPLETO

https://clubedeautores.com.br/livro/o-iniciado-3